

Quinta-feira, 29 de Agosto de 1957

RUBEM BRAGA

O PROFESSOR

ASSISTI na televisão a entrevista de Paulo Roberto com o professor Freitas Guimarães, o homem que viajou em um disco voador. Foi um belo trabalho esse da TV-Rio conseguir a vinda do homem que não queria dar mais entrevista e que, aliás, como ele mesmo garante, jamais gostou de contar essa história, só tendo contado à sua senhora porque chegou em casa pela madrugada e tinha de explicar o motivo...

Esperemos que para sossêgo das espôsas não comecem a acontecer muitos discos-voadores fora de horas. As damas podem não acreditar — ou, o que é pior, resolver aceitar também convites para uma voltinha pelo astral.

Mas devemos acreditar na sinceridade do professor? Eu acredito. Em primeiro lugar porque conheci uma certa môça que tinha os olhos azuis tão lindos que quando eles me fitavam eu tinha a impressão de estar vagando para além das constelações. É esse sentimento de raptio cheio de misticismo que pode ter dominado o professor de Direito Romano.

O mais provável, entretanto, é que ele tenha mesmo viajado no disco. Sua longa conversa mostra que ele é um homem tão lógico e sem imaginação que dificilmente poderia ter inventado, consciente ou inconscientemente, a sua história. Confesso que durante a viagem do professor eu bocejei duas ou três vêzes, como se me estivessem contando uma viagem na Leopoldina Railway. Paulo Roberto fazia perguntas com grande agilidade, mas o professor começava a falar e o fazia de um modo tão natural, tão trivial, tão monótono que parecia estar dando uma aula sobre Direito Romano. Por que não confessar tudo? A verdade é que não consegui assistir até o fim.

O moral é que não adianta alguém ter vivido uma grande história, o que vale é saber contá-la. Uma viagem de barca a Niterói contada por Di Cavalcanti tem muito mais graça e interêsse. Não se zangue o professor, mas eu sou outro que também não sei contar histórias. Ele é de morte. Duvido que aquêle piloto planetário volte à Terra. Olhará de banda nosso planeta e se algum colega lhe propor vir até aqui, dirá, com certeza: «não, aquêle pessoal de lá enche. Outro dia dei carona a um...».

P.S. — Volta e meia uma senhora me pede para escrever sobre alguma campanha de caridade e eu distarço e não escrevo porque isso não é de meu ramo. Desta vez tenho de entrear os pontos, tanto pela importância e seriedade da obra como pela pessoa que me pediu. Convido o leitor a passar pela Casa Canadá, na rua Gonçalves Dias, ou pela Joalheria Tolipan, na rua do Ouvidor, e se inscrever como sócio mantenedor da Pró-Matre; são dois mil cruzeiros por ano, pagáveis em uma, duas ou quatro vêzes. A Pró-Matre, que fará 40 anos no ano que vem, já atendeu a muitas dezenas de milhares de parturientes pobres. Com os seus dois contos ela poderá atender a mais uma parturiente por ano. Você será, todo ano, o Padrinho Desconhecido ou a Madrinha Desconhecida de uma criança pobre. Faça isso! E se quiser fazer agora mesmo o telefone é 43-0014.